

MANIFESTO “O BAMBU NÃO GEME MAIS”¹

Fotografia e texto: Maurício Roberto da Silva²

Revisão fotográfica e tratamento de imagens: Ronaldo Dias Andrade

Revisão de texto: John Mafra, Claudete Andrade e Giovani Delorenzi Pires

“[...] derrubando homens, entre outros animais,
devastando a sede desses matagais.
Devorando árvores, pensamentos, seguindo a linha
do que foi escrito pelo mesmo lábio, tão furioso [...]”
(Zé Ramalho – *Eternas ondas*)

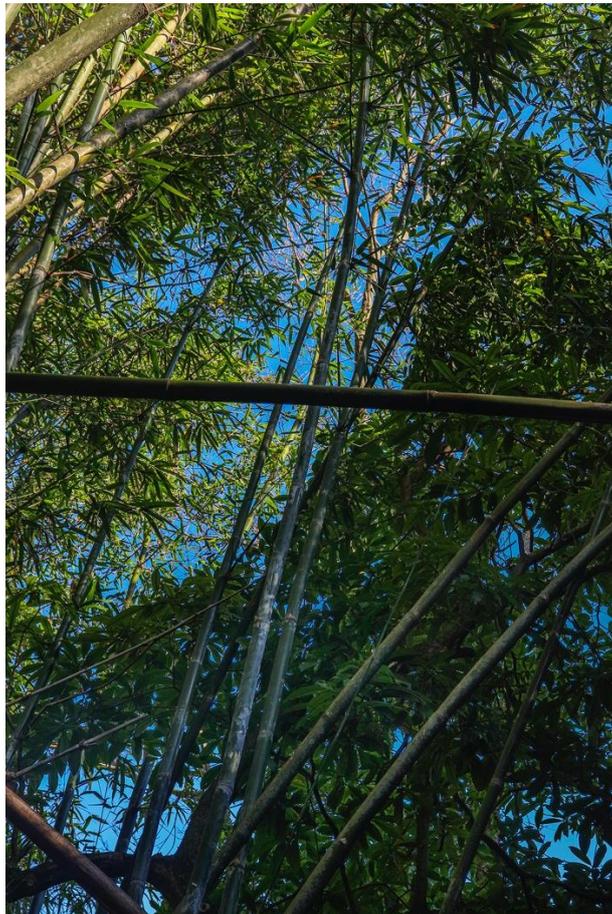
¹ Esse manifesto poético-político-imagético, diz respeito à queimada realizada, por vândalos da especulação imobiliária, num dia de domingo no mês de outubro de 2019 na Servidão Bambuzal no bairro do Campeche em Florianópolis/SC.

² As fotografias foram realizadas com Máquina fotográfica digital **CANON EOS REBEL SL2**, como exercício prático do curso de fotografia com o professor Ronaldo Dias Andrade.



I

Certo dia, de manhãzinha alguns homens mal encarados, cara de dinheiro, chegaram aqui no Campeche e, para surpresa dos moradores, foram iniciando a devastação do bambuzal que fica ao lado direito da entrada da Servidão Bambuzal. Antes de eles começarem a chacina ecológica, tínhamos um lindo túnel de bambus, parceiro dos bambus que ficavam do outro lado da rua. Era um túnel esplendoroso de verde e sombra, que nos conduzia docemente ao Morro do Lampião, onde brilha o sol e o clarão da lua, que iluminam todo o bairro...



Dias depois, num domingo cedinho, numa segunda investida, enquanto todos dormíamos – crianças, animais e adultos –, eles chegaram com a maldade nas serras de seus dentes e, sorrateiros, começaram a incendiar de pesadelos a servidão. Regaram os bambus com latas de veneno e querosene, depois deitaram fogo com o fósforo da iniquidade. Os bambus, ainda verdinhos, rangendo serelepes, mal sabiam que a morte estava por perto.



De repente, os forasteiros ensandecidos, fugiram para “os quintos dos infernos”, deixando tudo calcinado; deixando apenas chamas. Depois, os gritos dos moradores da servidão vizinha, temendo morrer junto com os bambus e os animais. Aos poucos, com suas facas gigantes, os desconhecidos foram cortando a alma da rua: os bambuzais das noites de lua. Bombeiros tentavam apagar o fogo e socorrer os animais, as cobras corais que habitavam os bambuzais e as ruidosas e alegres aracuãs, que tinham mania de parir naqueles galhos – hoje calcinados gravetos. Foi uma agonia só: os micos gritavam pendurados nos galhos, as aves voavam para longe e as cobras se escondiam nas tocas negras de puro carvão. Que calamidade, que vergonha, que indignação!

Os gatos e cães dos vizinhos, com seus miados e uivos, denunciaram que os assassinos da natureza e da vida outrora pacata da Servidão Bambuzal estavam para chegar. A mando de quem eles vieram, até hoje não se sabe; talvez do próprio dono ou de alguma imobiliária que cultiva o ódio à natureza e o fetiche do capital.

II

As crianças acordaram aos gritos e prantos, porque as chamas quase queimaram seus brinquedos. Elas choravam, talvez, por não poderem mais contemplar os pássaros em seus berçários, nem ouvi-los assobiar em dueto com o ranger dos bambus, tampouco ver os micos a brincar de trapezistas naquelas ripas longilíneas e resistentes, capazes de se converter em moradias criativas e seguras, em utensílios domésticos e em obras de arte.



Nesse mês de outubro de 2019, as crianças foram presenteadas com a queimada dos bambus, cuja presença, grandiosa e delicada, servia como esteio criativo para seus imaginários... Elas tiveram que assistir à derrubada do maior patrimônio da rua, que lhe emprestava a beleza e o nome; testemunharam, incrédulas, como se incendeia, de uma só vez, árvores, animais e humanos. Com isso, tanto as crianças quanto nós, adultos, não pudemos mais olhar a lua e as estrelas, nem o sol, que, de vez em quando, refletia por entre as frestas dos bambus e de suas folhas, de onde podia-se ver, de dia, o incomensurável céu azul da nossa Ilha.

A parte do bambuzal que morreu nos dava alegria e nos enchia a imaginação, principalmente nos dias de vento sul, quando seu rangido parecia nos dizer algo, como

se estivesse mancomunado com os ventos de Iansã, que nos protege das maldades humanas e dos acidentes naturais...

III

Tudo aconteceu assim: os vândalos foram chegando de mansinho, afiaram seus facões e investiram contra os bambus, que balançavam suas hastes e folhas ao vento. Deram-lhes alguns golpes, deixando galhos desfalecidos no chão. De repente, foram surpreendidos por alguns moradores, acordados pelo barulho, com seus corações indignados, carregando, aos prantos, as crianças nos braços. Elas perguntavam a todo momento, incrédulas, se os homens iam mesmo derrubar todo o bambuzal. A preocupação das crianças era se não haveria mais sombra para servir de moldura para as suas brincadeiras. Tinham medo de não poder mais dialogar com os bambus, nem brincar à sombra deles. Nesse meio tempo, os destruidores (vendedores de espaços desmatados), continuaram a missão destrutiva e insultaram os moradores com suas bocas-de-esgoto. Eles deixaram claro que odeiam a natureza e amam apenas o vil metal, que compra instituições de suposta proteção ao meio ambiente.



Em suma, nessa confusão toda, as cobras corais, os micos e os passarinhos se comunicaram e ficaram em polvorosa, gritando para lá e para cá. Realizaram uma curta

assembleia antes de o fogo se espalhar, embora não pudessem fazer mais nada. Mal sabiam eles que o pior estava por vir; mal sabiam que muitos virariam cinzas, juntamente com sua casa: o bambuzal. Nesse interregno de tempo, não se sabe dizer quem se salvou, pois só se podia ouvir os urros de dor dos corpos contorcendo-se pelas queimaduras. Em seguida, cessadas as vozes e o bater de asas de borboletas, passarinhos e insetos, fez-se um silêncio sepulcral. Não se sabe quem escapou da sanha assassina dos vendedores de terrenos. O que se sabe mesmo é que lá, por muito tempo, ficarão as cinzas e os tocos dos bambus, marcas lúgubres de um lugar que outrora fora só vida, movimento e harmonia do homem com a natureza.

Não se sabe a hora, mas eles chegaram, ávidos por dinheiro, enquanto representantes do capital imobiliário especulativo. Mas se sabe que já estavam ali há semanas. Queriam vender o terreno, como de hábito, sem, contudo, levar em conta os galhos compridos do bambu, que de manhã faziam sombra; e à noite, bailavam, querendo esconder a lua entre suas folhas, teimosa de se ostentar entre as hastes delgadas e elegantes do bambuzal.



Esses senhores que destruíram os bambuzais assim o fizeram por motivo de ‘força econômica maior’ e por se sentirem autorizados a colocar fogo em qualquer lugar onde tenha vida, como a Amazônia, assim como a atirar milhões de litros de óleo ao

mar. Lá, autorizados por Bolsonaro, eles instituíram o ‘dia do fogo’. Talvez tenha sido essa autorização vinda do Palácio do Planalto que tenha motivado essa gente obscura a incendiar arbustos, árvores e matas, em qualquer rua, servidão, bairro, sítio ou plantação, tanto nos campos quanto nas cidades. Por certo, foi isso que os fez disseminar tanto ódio em forma de chamas, para queimar as gentes e os bichos, para matar o que tem vida humana e animal.

Cada fagulha que caía naquele domingo inesquecível indicava tempos difíceis para os habitantes das cidades e dos campos, indicava a licença para matar árvores, ideias, democracias; aquele dia indicava perigo à vista, indicava que estamos dormindo com inimigos – que querem incendiar nossos jardins e quintais

Depois de todo estrago feito, os destruidores do presente e do futuro foram embora com um sorriso macabro estampado nos dentes, partindo para as trevas. Atrás de si, deixaram os bambus sangrando no chão da servidão, os moradores desesperados e as crianças com o grito rouco de medo e lamento pela perda do patrimônio comum, da paisagem que, outrora, exalava paz, criação, lentidão e meditação...

IV

É difícil esquecer de tamanha iniquidade, porque cada golpe dado com a faca do dinheiro, cada veneno lançado contra os bambus e cada labareda que os consumia também se fizeram sentir nos corpos dos moradores dessa servidão, afinal somos todos meio ambiente – somos todos bambus! Todos nós ficamos com queimaduras de terceiro grau em nossas almas. O fato é que, enquanto fazíamos as fotos que ora expomos, era possível sentir as folhagens e os galhos sangrando seiva e ainda se retorcendo naquela imagem de terra arrasada.

Depois de consumado o fato, nossos corpos ficaram, de um lado, sem vida, secos, sem água, sem clorofila. De outro, alertas e com a resistência ativa diante de qualquer desmatamento que, de forma injustificável e por pura ganância por capital, aconteça na nossa servidão, no nosso bairro e na nossa cidade.



Nós, habitantes da Servidão Bambuzal, ao fotografar os galhos sob a forma de carvão e cinza, sentimos a crueldade da queimada ardendo em nossos corpos, que foram incinerados em meio ao inferno construído pela ganância do dinheiro. Em cada galho consumido em cinzas pelo chão, estava um de nós, que ardia de dor e revolta diante da derrocada do nosso microbioma... Ainda hoje, quando passamos por lá, lembramos de

toda essa tragédia, que quase incendiou as casas ao entorno. Diante do que restou, recusamo-nos a banalizar tal atitude covarde e assassina e sentimos a sensação de que a impunidade não pode mais seguir seu curso.

V

A partir daquele fatídico mês de outubro, a Servidão Bambuzal não foi mais a mesma, porque é como se os bambus estivessem a evocar a dor de serem queimados vivos na fogueira das sanhas mercantis, da mais-valia. Nem poderia ser mais a mesma, porque lhe falta o ranger dos bambus e seus galhos, que serviam de trapézio para os micos e de leitos para a maternidade das aracuãs. A servidão não será mais a mesma, nunca mais, porque não ouviremos o alarido que entrava madrugada adentro, os gemidos da sua dança sensual, como se fossem uivos de uma libido emanada das entranhas da terra, onde, há anos, os bambus haviam fincado suas raízes e saudavam o nascer e o pôr do sol, como se estivessem celebrando a vida, que agora lhes foi solapada. Não veremos mais a suntuosa coreografia dos seus galhos que, em dias de tormenta, vergam, mas jamais quebram.

O bambu não geme mais! Não range mais, é verdade. Que falta nos fará o rumor das conversas intermináveis que emergiam de suas danças e cantos, em segredo.

Nós, moradores da Servidão Bambuzal, estamos de luto, mas celebramos o fato de termos salvado a outra parte do bambuzal, que está viva do outro lado da rua, no terreno de um vizinho, amante da vida e da natureza humana. Estamos indignados com esse assassinato do nosso pequeno e necessário ecossistema, que até então formava um belo pórtico para nosso lindo morro.



Agora, sobraram apenas cinzas, das quais, teimosamente, renascem os brotos-bebês dos bambus, que anunciam novos tempos, para além das chamas hediondas que destruíram parte dos bambuzais da nossa servidão.

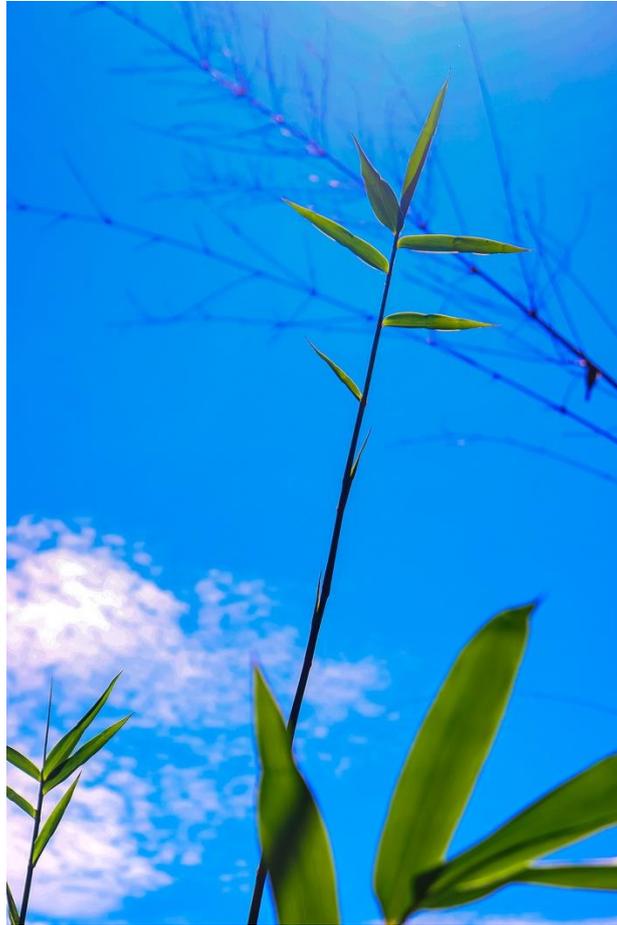
Mas eles haverão de pagar caro por esse ódio à natureza, à vida, aos seres humanos e aos animais! E a nós, só nos resta lembrar dos versos de Zé Ramalho em *Eternas ondas*: “[...] derrubando homens, entre outros animais, devastando a sede desses matagais, [...] devorando árvores, pensamentos, seguindo a linha do que foi escrito pelo mesmo lábio, tão furioso”, e – nós o dizemos – devastando a sede desses bambuzais.



Os bambus não gemem mais! Como moradores da Servidão Bambuzal, nós lhes pedimos: não comprem esse terreno devastado, ainda que os brotos já anunciem novas gerações de bambus. Por favor, adotem essa geração que está por vir. Se comprarem esse terreno, lembrem-se de que, nesse solo, ainda ardem as almas desses seres vegetais, que irrompem da terra para vir ao mundo em forma de brotos de esperança. Apenas um pedido: se comprarem esse terreno, procurem incorporá-los em volta da casa, procurem dormir todas as noites abraçados a eles.

Como se vê, os bambus não gemem mais, e de nada adiantou destruí-los. Pois, nesse intervalo de tempo, eles ressurgem no lugar do ódio. E das lanças esturricadas que

restaram no chão, emergem brotos resilientes e resistentes, teimando em reconstruir a servidão e trazer de volta a sombra e os gemidos dos galhos, para que, juntos, nós e os bambus, possamos reconstruir a vida e desfrutar da natureza em toda sua dimensão e generosidade.



A partir desse episódio hediondo, nós, moradores da Servidão Bambuzal, avisamos: da próxima vez em que vierem aqui destruir nosso pequeno ecossistema e patrimônio imaterial, nós, a nova geração de bambus – crianças, adultos, velhos e velhas, cães e gatos, aracuãs, cobras corais, borboletas, insetos e micos –, expulsaremos todos que ousarem levantar uma faca, uma foice ou uma enxada contra nossas árvores nativas, em especial os nossos inesquecíveis bambuzais. Se vierem outra vez, nós os desarmaremos e os mandaremos para a cadeia mais longínqua do planeta, onde os capitalistas deveriam pagar por pequenos e grandes crimes de lesa-meio ambiente, de lesa-humanidade.

Florianópolis, Servidão Bambuzal/outono de 2020

Maurício Roberto da Silva